

## Dossiê Filosofia e Saúde III

### Apresentação

Em seu *Él libro del sentido común sano y enfermo*, Franz Rosenzweig apresenta, metaforicamente, as críticas que fez, em sua obra central *La estrella de la redención*, à filosofia sistemática, considerando, para tanto, o filósofo e a filósofa pois, há sempre alguém a quem devemos nos dirigir, não sendo possível encontrar a filosofia *em si*.

Dirige-se ao *conhecedor – caro senhor –* e ao *leitor – querido velho amigo*. Ao *conhecedor*, pergunta se seria possível que ele se colocasse como leitor, uma vez que está predisposto a perguntar-se se algo é científico e, para sabê-lo busca colocar tudo à prova. Ao leitor, afirma que ambos estiveram juntos em outras escolas, pois ingressaram na vida. A vida é o lugar da experiência e, conseqüentemente, o lugar a partir do qual podemos conhecer. Ingressar na vida, tê-la em conta, significa conhecer a partir dos seres humanos reais e das relações que estabelecem entre si, com o mundo e com a transcendência, no tempo.

Rosenzweig se dirige ao(à) filósofo(a) e ao(à) leitor(a), nós queremos nos dirigir a você - filósofo(a), profissional de todas as áreas da saúde e interessado(a) -, e desejamos considerá-lo(a) leitor(a) porque esperamos que você esteja disposto a deixar o lugar de conforto que cada um de nós constrói para si mesmo, seja no campo do saber, seja da prática baseada nesse saber e se disponibilize à escuta, à troca, a ver as diferentes experiências que acontecem no tempo, colocando-as em diálogo para, assim, posicionar-se diante da realidade da vida.

Pensar na interface entre Saúde e Filosofia, entre Filosofia e Saúde, dependendo do campo do saber onde você, leitor(a), esteja, exige que sejamos leitores(as) da vida. Quem é da saúde é convidado a conversar com quem é da filosofia e vice-versa, uma conversa que exige escuta, capacidade de troca, desapego da ideia de que o que sabemos seja tudo e o verdadeiramente importante. Como Rosenzweig disse ao seu amigo leitor, é preciso que deixemos nosso costume de sermos tutelados por um outro conhecedor – que podemos ser nós mesmos – quando não consideramos que o conhecimento se faz com um outro, que é o *tu*, numa relação entre *eu* e *tu*.

Dito isto, se podemos nos dirigir a você como nosso(a) leitor(a), com a sua permissão, queremos compartilhar um pouco do nosso conhecimento e de nossas ações, como docente e como *Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde* - GEFS - UNIFESP/CNPq, na construção da especificidade da interface entre Filosofia e Saúde. Antes, queremos agradecer às pessoas envolvidas no processo em que, no âmbito da Escola Paulista de Medicina e da Escola Paulista de Enfermagem, da Universidade Federal de São Paulo, vimos consolidando o que entendemos como Filosofia da Saúde. Às pessoas responsáveis e às que participaram, agradecer pela realização da I Jornada Internacional de Filosofia e Medicina (2021) e pela II Jornada Internacional de Filosofia e Medicina e I Jornada Internacional de Filosofia da Saúde (2023); aos autores deste Dossiê, por se dedicarem ao aprofundamento da especificidade de uma filosofia da saúde; às editoras da *PoliÉtica* – Revista de Ética e Filosofia Política – pela publicação deste trabalho e a todos e todas por estarem conosco nesta Jornada! As pessoas estão sempre por trás dos grandes projetos!

Nosso Grupo – GEFS – nasceu de uma prática. Começamos estudando filosofia para nos prepararmos para uma disciplina, *Iniciação às práticas médicas*, ministrada aos alunos e às alunas do 1º ano do Curso

de Medicina da Escola Paulista de Medicina - EPM/UNIFESP. Nosso objetivo era preparar as participantes do grupo, de diferentes áreas da saúde, para o diálogo com os(as) educandos(as) e demais educadores(as) de outras áreas, acerca das experiências vividas pelos(as) educandos(as) em cenários, como exemplo, Unidades Básicas de Saúde e Hospital São Paulo, nos quais aprendiam a partir da observação e do diálogo com os(as) profissionais envolvidos com a prática, naqueles cenários. Em grupos, posteriormente, juntávamo-nos aos(às) demais professores da disciplina – do Curso de Medicina e da Saúde Coletiva -, para a discussão com os(as) educandos(as) acerca da experiência vivida nos cenários, para a qual contribuíamos com nossas reflexões a partir da filosofia.

Finda a nossa atuação junto à disciplina, a qual acontece até os dias atuais, as participantes quiseram continuar com as reflexões filosóficas em diálogo com a saúde e assim estamos até hoje, buscando consolidar o que entendemos, a partir da experiência do ensino na graduação e na pós-graduação; da pesquisa e da extensão e nos estudos do GEFS, como Filosofia da Saúde, termo que carrega a especificidade da interface entre filosofia e saúde que acontece no pensamento, no saber destas áreas e na vida das pessoas, uma vez que tudo o que se pensa em saúde, necessariamente culmina numa prática com e em pessoas.

Embora o termo filosofia seja, do ponto de vista epistemológico, compreendido, segue sujeito a diferentes interpretações, a exemplo, de um lado sua compreensão pode ser a partir da história da filosofia e, de outro, a partir dos grandes temas da filosofia. O termo saúde, por sua vez, pode ser pensado como ausência de doenças, mas pode ser ampliado considerando-se, a exemplo, as doenças crônicas que, em se tornando predominantes em nossos dias, em razão da longevidade e do ambiente, exigem um novo pensar capaz de dialogar com as pessoas que convivem com a doença e, apesar disso, seguem vivendo e para as quais não é suficiente a prescrição de medicamentos e o tratamento.

Uma vez que a medicina como ciência, necessariamente, se relaciona com a prática dos profissionais de saúde, que atuam tendo-a como referência, uma filosofia da saúde necessita fazer uma discussão epistemológica que começa pela compreensão dos termos da interface – filosofia e saúde, que, por sua vez, trazem em seu bojo outras compreensões, as quais não se prendem ao âmbito teórico, mas remetem para a prática, também porque em Saúde e Educação é preciso considerar os seres vivos. A filosofia que possibilita a interface com a saúde é aquela que considera a vida, a realidade e que, conseqüentemente, se dedica à reflexão dos temas que lhe são pertinentes - a exemplo, a condição humana, a dor, o sofrimento e a morte - trazendo, para tanto, o pensamento de filósofos e colocando-os em diálogo.

No que concerne à compreensão de saúde, é necessária a ampliação desse conceito. O conceito ampliado de saúde reconhece que saúde vai além da ausência de doença e não se limita a questões estritamente fisiológicas. Embora essa perspectiva seja reconhecida, inclusive, pela Organização Mundial da Saúde e pela filosofia da medicina, a ciência médica e a prática de seus profissionais, resultantes desse saber, tendem a focar na doença e nas ações possíveis para eliminá-la. Daí decorre a expectativa de que o profissional de saúde deve curar ou, no mínimo, controlar a doença, o que impede a consideração da pessoa que vivencia a doença, conseqüentemente, conduz a uma visão reducionista da realidade, ajustada aos preceitos científicos e à interpretação da realidade a partir dessa própria redução.

Se, para consolidar-se, uma filosofia da saúde necessita, de um lado, refletir acerca dos conceitos filosofia e saúde, por outro, não pode contentar-se em tornar-se uma filosofia da ciência, nem mesmo com um papel “humanizador” da ciência e da prática dos profissionais de saúde, pois, como dissemos, é preciso refletir e contribuir com os fundamentos da medicina como ciência e da prática de seus profissionais. Como

exemplo, podemos pensar, filosoficamente, na morte como parte da condição humana. Não basta pensar no tema, o contrário, é preciso que tal reflexão seja fundamento da prática dos(as) profissionais de saúde e da tomada de decisões, sobretudo porque é a partir do que conhecem que decidirão, por exemplo, sobre o prolongamento de uma vida. Se essa decisão for embasada numa ciência que, por sua vez, não dialoga com a experiência, prolongar a vida que não pode mais ser vivida pode ser a decisão, frente aos muitos recursos disponíveis atualmente, mas se a decisão considerar a experiência, as relações entre os sujeitos envolvidos e a morte como parte da condição humana como fundamento, a ação pode ser diferente.

Então Filosofia da Saúde diz respeito à Medicina como ciência e à prática dos seus profissionais, às questões epistemológicas e suas decorrências na atuação, e, em qualquer situação, à vida das pessoas e porque assim é, diz respeito também à bioética e seus fundamentos. Há muito por refletir e fazer, por isso dissemos que vimos consolidando uma filosofia da saúde que, todavia, carece de outros aprofundamentos.

Assim como o Grupo, os artigos desse volume do Dossiê Filosofia e Saúde, também nascem da prática do diálogo entre seus autores, seus saberes e suas diferentes áreas de atuação; são fruto das explanações de trabalhos livres de pesquisadores do GEFS e de algumas palestras de nossos convidados(as), na II Jornada Internacional de Filosofia e Medicina e I Jornada Internacional de Filosofia da Saúde. Esses artigos pretendem um diálogo interdisciplinar, alguns, especificamente, tratam de práticas interdisciplinares. Uma filosofia da saúde precisa buscar esse lugar, por mais difícil que seja, haja vistas as críticas, segundo as quais, essa forma de pensar e de agir, opera uma simplificação, não contribuindo para o aprofundamento do conhecimento. Conhecimento *em si*? Perguntamos nós, mas, cientes do risco, optamos por seguir em frente.

Cabe ainda acrescentar, antes de apresentar os artigos constantes desse Dossiê, que o *Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde*, tem uma linha intitulada *Filosofia, Espiritualidade e Saúde*, que se justifica pelo fato de que, quando a vida de uma pessoa está ameaçada, obrigando-a a olhar para a sua própria finitude, nos defrontamos com as formas pelas quais as pessoas envolvidas buscam fortalecer-se, a fim de enfrentar as adversidades presentes nesta situação, dentre essas formas, a espiritualidade. Do nosso ponto de vista, este é um tema da filosofia, como disse Rosenzweig acerca da morte, dizendo que ela não pode ser um nada para a filosofia, posto muitos gritarem por socorro em sua angústia diante dela. Da mesma forma, a espiritualidade, a relação das pessoas com a transcendência, não pode ser um nada para uma filosofia da saúde, para a medicina e os(as) profissionais da saúde, incluindo os(as) filósofos(as) da saúde, que ouvem os gritos daqueles que vivenciam o estar diante da sua própria finitude, o processo de morrer e a morte. E é preciso lembrar que tal angústia acomete também os profissionais de saúde, uma filosofia da saúde não pode deixar de olhar para isso ao pensar, a exemplo, na formação desses profissionais e dos filósofos que atuarão em saúde.

Caro(a) leitor(a), com muita alegria, apresentamos os artigos deste volume.

No artigo **O ensino em saúde e a filosofia: especificidades e perspectivas da filosofia da saúde**, Isabela Alline Oliveira e Viviane Cristina Cândido propõem uma reflexão sobre o ensino em saúde e a filosofia, que permite pensar a especificidade e perspectivas de uma Filosofia da Saúde, enquanto um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar, em que os conceitos, reflexões e temas da filosofia conformam um arcabouço teórico de interlocução com a área da saúde.

Em seu **Medicina entre a arte e a responsabilidade: Hans Jonas e sua contribuição à Ética Médica**, Lilian Simone Godoy Fonseca busca pensar a responsabilidade do médico no exercício de sua profissão,

tendo em vista alguns conceitos de saúde, para se contrapor à forte tendência atual de a reduzir à mera mercadoria, possibilitada por novas tecnologias para fins estéticos, articulando essa discussão a partir do ideias do filósofo alemão Hans Jonas.

Em seu **A arte médica à luz de reflexividade, relações e cuidado**, Roberto Franzini Tibaldeo propõe uma análise do pensamento de Hans Jonas acerca da profissão médica, para esclarecer a afinidade com as chamadas *Medical Humanities* atuais. Isso o leva até uma segunda vertente, que é a individuação de três conceitos-chave, os de *reflexividade, relação e cuidado*, que são analisados à luz das propostas filosóficas de John Dewey, Donald Schön, Seyla Benhabib e Joan Tronto, tentando esclarecer que essas noções são relevantes para a redefinição da profissão médica na época atual.

No ensaio **Reflexões filosóficas de uma enfermeira sobre o cuidado na finitude, a partir das aulas de Filosofia da Saúde no Mestrado Profissional em Ensino em Ciências das Saúde**, Caroline Freire e Viviane Cristina Cândido, desenvolvem reflexões filosóficas sobre a finitude como condição humana e a relevância desse tema na assistência à saúde, a partir do aprendizado e das experiências vivenciadas por uma enfermeira, em uma disciplina eletiva de Filosofia da Saúde.

Em **Multidisciplinaridade e multiprofissionalidade em saúde como relação – contribuições da filosofia experimentada de Franz Rosenzweig**, Clarissa Carvalho Fongaro Nars e Viviane Cristina Cândido discutem sobre o encontro como relação com o outro, de uma perspectiva da filosofia experimentada de Franz Rosenzweig em articulação com a Filosofia da Saúde. Para tanto, fazem uma aproximação com a multiprofissionalidade, prática fundamental na área.

Eliana Aparecida de Paula Silva, Isabela Alline Oliveira e Viviane Cristina Cândido, no artigo **A experiência da morte e do morrer – aproximações entre a sociologia, filosofia e a filosofia da saúde**

abordam o fenômeno social da morte a partir da Filosofia da Saúde, tendo Norbert Elias como teórico para refletir sobre os aspectos sociológicos da morte e Friedrich Nietzsche para subsidiar a reflexão filosófica.

Lara Miguel Quirino Araújo, Viviane Cristina de Cândido e Luciano Vieira de Araújo em **Sinergias humanas: interdisciplinaridade na saúde do idoso através da geriatria, gerontologia, filosofia da saúde e inteligência artificial generativa** discorrem sobre o envelhecimento populacional impactando áreas como saúde, economia e qualidade de vida e como a integração entre geriatria, gerontologia e filosofia da saúde permitem uma compreensão mais abrangente desse fenômeno, articulada a Inteligência Artificial Generativa, que promove abordagens inovadoras no campo.

No artigo **Experiência, tempo e vida - A perspectiva musical filosófica de Zuckerkandl e os Cuidados Paliativos**, Luanda Oliveira Souza e Viviane Cristina Cândido analisam o conceito de tempo na perspectiva musical filosófica de Victor Zuckerkandl no contexto de uma filosofia da saúde, aproximando essa reflexão à finitude do paciente em cuidados paliativos, situando a música como um meio de ressignificar a experiência do paciente, o que muda a forma de vivenciar o tempo de adoecimento e conecta a pessoa às suas experiências vividas, de modo a transformar a vivência da finitude.

Em **Arte dentária, técnica e responsabilidade humana – uma possível aplicação do princípio responsabilidade de Hans Jonas na odontologia**, Luciana Alves da Costa e Viviane Cristina Cândido fazem uma reflexão sobre a prática odontológica da atualidade, considerando como referência o pensamento do filósofo alemão Hans Jonas e uma possível aplicação do seu *Princípio Responsabilidade* no campo da odontologia.

Maysa Soares de Camargo Fernandes, Viviane Cristina Cândido, Taiza Stumpp e Mariliza Soares de Camargo Fernandes em **A dor do**

**pertencimento da pessoa com deficiência – a contribuição de uma Filosofia da Saúde para a atenção, o cuidado e a assistência nos autismos** partindo de uma reflexão sobre a deficiência, e os autismos em particular, analisam como esses temas foram historicamente percebidos e julgados para buscar uma nova compreensão necessária para a atenção, cuidado e assistência à saúde das pessoas com deficiência e, a partir de uma filosofia da saúde, refletem sobre genética, biotecnologias e conceitos em saúde.

No artigo **Um encontro entre dois campos de saber: a Filosofia da Saúde e a Psicanálise Lacaniana em uma intervenção com grupo de adolescentes com doenças crônicas**, Maria Tereza Piedade Rabelo, Viviane Cristina Cândido, Mariana Cabral Schweitzer, Ana Laura Prates Pacheco e Claudio Len refletem sobre uma experiência com um grupo de jovens com doenças crônicas, no âmbito da reumatologia pediátrica, coordenada por duas pesquisadoras, ancoradas em dois campos de saber: a Filosofia da Saúde e a Psicanálise Lacaniana, tendo como ponto de encontro entre os dois campos de saber a afinidade na posição discursiva em relação à dor, ao sofrimento e à morte como elementos inerentes à condição humana.

No artigo **Encontros e Desencontros entre a “I Carta de Paulo aos Coríntios”, o Estoicismo e a “Epiméleia Heautoû**”, Sílvia Cristina Borragini-Abuchaim, Nádia Vitorino Vieira e Viviane Cristina Cândido, a partir de reflexões sobre a I Carta aos Coríntios, e um recorte para verificar como se daria esta interlocução com a epiméleia heautoû, (“cuidado de si”), objetivam promover um diálogo entre Filosofia (estoica), Saúde (epiméleia heautoû) e Espiritualidade (I Carta de Paulo aos Coríntios) para explorar encontros e desencontros, evidenciando interlaces entre a Filosofia, a Espiritualidade e a Saúde.

Em **A Espiritualidade nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – Que espiritualidade?**, Fernanda de Cássia

Rodrigues Pimenta e Viviane Cristina Cândido buscam explicitar as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), em diálogo com o Direito e sua disposição legal e o conceito de espiritualidade presente na legislação sobre o tema pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde, tendo a Filosofia da Saúde como promotora do diálogo entre essas áreas.

No artigo **O exercício da capelania hospitalar: reflexões entre filosofia, espiritualidade e saúde**, Sandra Claro, Nádia Vitorino Vieira e Viviane Cristina Cândido, contemplam a análise das atividades da capelania hospitalar, que se dedica a potencializar a influência positiva do cuidado espiritual aos usuários da saúde, partindo da compreensão da interação da capelania hospitalar com um conceito ampliado de saúde e como tema de investigação em Filosofia da Saúde. Assim, refletem acerca da capelania hospitalar considerando a necessária inter/transdisciplinaridade no pensar e no exercício do cuidado - da medicina como ciência e de sua prática.

Em suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis, que também gostava de conversar diretamente com o(a) leitor(a) afirma com sua personagem que dá título à obra "Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho." Convidamos você a uma leitura que, sendo interdisciplinar, poderia ser melhor aqui ou avançar ali; mas que, em todos os casos, privilegia o pensar junto, de maneira ampla e dialogada! Boa leitura!

**Viviane Cristina Cândido**  
**Clarissa Carvalho Fongaro Nars**